

A FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Janaina de OLIVEIRA¹
Joyce ANSELMO²

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio/São Paulo, Record, 1999.

O Sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett, em **A Corrosão do Caráter** (1999), coloca em teste o senso do caráter pessoal em decorrência das mudanças no interior do capitalismo. Desta forma, aborda a cultura da flexibilidade em oposição à rigidez do fordismo. O autor justifica o título desta obra através das demonstrações de sensações de fracasso, a constante incerteza e as rápidas mudanças que corroem não só o trabalhador, mas também seu caráter, em âmbito familiar e nas suas perspectivas de vida. Assim, as contínuas transformações que são apresentadas de forma obrigatória à sociedade, na visão contemporânea do mundo dos negócios, estão inclusas não apenas no cotidiano dos centros das decisões da sociedade, mas a todos em forma de resultados da expansão do capitalismo flexível em tempo e espaço.

Sennett (1999) enfatiza que o **caráter flexível** do capitalismo tem como conseqüências a negação das formas rígidas da burocracia, a alteração dos significados do trabalho e a efetivação da rotina exacerbada. O sentimento de ansiedade ocasionária, para o autor, a incerteza do cotidiano e do futuro, resultando numa maior flexibilidade das relações. A partir disso explica o caráter como sendo:

[...] o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros, ou se preferirmos [...] são os traços pessoais a que damos valor em nos mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 1999, p.10).

O capitalismo em sua fase atual afetaria, de acordo com Sennett (1999), o caráter pessoal dos indivíduos, uma vez que não oferece condições para a construção de uma narrativa linear da vida sustentada na experiência. Para o trabalhador, fruto da reestruturação produtiva, as relações de trabalho e os laços de afinidade não se processariam a longo prazo,

¹ Bolsista PIBIC/CNPq. Graduanda em Ciências Sociais. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Araraquara, SP - Brasil. 14.800-901 - janalive@gmail.com

² Bolsista CAPES. Mestranda em Sociologia. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-901 - joyceanlsemo2006@hotmail.com

diferentemente do que ocorria com o trabalhador no período fordista-keynesiano, que mesmo com o seu trabalho burocratizado e rotinizado, conseguia construir uma história de vida cumulativa baseada no uso disciplinado do tempo. Diante das mudanças no mundo do trabalho, o grande desafio pelo qual as pessoas teriam que passar se resumia em duas questões: “Como se pode buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se pode manter relações duráveis?” (SENNETT, 1999, p.27).

O mundo do trabalho inserido no contexto da flexibilização da produção teria provocado um rearranjo dos horários de trabalho - os chamados turnos – que Sennett (1999) caracteriza como **flexitempo**. Ou seja, houve uma flexibilização dos horários, exemplificado com a entrada das mulheres na força de trabalho, ajudando assim a inovar o planejamento flexível do tempo integral e de meio período. Atualmente essas mudanças ultrapassam, para o autor, as barreiras de gênero e os homens também têm horários de trabalho diferentes. Isto pode ser evidenciado no trecho abaixo (SENNETT, 1999, p.67):

[...] cerca de 20% das empresas permitem horários de trabalho “comprimidos”, [...] o empregado faz o trabalho de toda uma semana em quatro dias. Trabalhar em casa é hoje uma opção em cerca de 16% das empresas, sobretudo para trabalhadores em serviços, vendas e técnicos, o que se tornou possível [...] devido ao desenvolvimento de intra-redes de comunicação. Nos Estados Unidos, homens e mulheres brancos de classe média têm hoje mais acesso a horários flexíveis de trabalho [comparados com aqueles que trabalham] em fábricas, ou os trabalhadores hispânicos. O flexitempo é um privilégio do trabalho diurno; o trabalho noturno ainda é passado para as classes menos privilegiadas.

Para Sennett (1999), a flexibilidade do tempo requer uma flexibilização também do caráter, caracterizada pela ausência de apego temporal a longo prazo e pela tolerância com a fragmentação. Argumenta que o trabalho flexível leva a um processo de degradação dos trabalhadores de ofício, uma vez que com a introdução de novas tecnologias organizacionais o trabalho torna-se fácil, superficial e ilegível.

Para exemplificar essa discussão, Sennett (1999) demonstra o caso dos padeiros de Boston de origem grega, através de algumas entrevistas e observações destes estabelecimentos. Segundo Everts - o padeiro chefe entrevistado - a maioria dos funcionários ficam apenas um ou dois anos na padaria, sendo o perfil desses trabalhadores representado por jovens, não sindicalizados e transitórios. Everts também fica furioso com a empresa, uma vez que esta prefere trabalhadores não sindicalizados. Entretanto, o padeiro chefe afirma que se

esses funcionários recebessem melhores salários permaneceriam mais tempo no emprego, além do fato do flexitempo ser atrativo para os trabalhadores de nível inferior.

Para o autor de **A Corrosão do Caráter (1999)**, de um modo racional, o sistema de produção flexível viria a representar:

[...] a antítese do sistema de produção incorporado no fordismo. E de uma forma muito específica; na fabricação de carros e caminhões hoje, a velha linha de montagem quilométrica observada por Daniel Bell foi substituída por ilhas de produção especializada. (SENNETT, 1999, p.59).

A especialização flexível serve à alta tecnologia, devido às facilidades que o computador oferece. Isto facilita a (re)programação das máquinas industriais. Assim, a rapidez das modernas comunicações também favoreceu a especialização flexível colocando os dados do mercado global ao alcance das empresas. (SENNETT, 1999).

De acordo com as características que a flexibilização da produção assume haveria um conceito demasiado alienante sobre a interpretação da relação entre risco e caráter. Ou seja, não se inserir no jogo do capitalismo seria o mesmo que aceitar antecipadamente o fracasso. Para a maioria daqueles que entram no mercado, no qual o vencedor leva todas as vantagens, a probabilidade de fracasso é retirada da consciência daqueles que participam deste jogo e assumem o imperativo dos riscos que se mostram largamente distribuídos. O risco é um teste de caráter. Porém, o importante é fazer o esforço, arriscar a sorte, mesmo sabendo que racionalmente há uma probabilidade de fracassar.

Neste sentido, o fato de correr risco seria mais deprimente que promissor, o que, além de colocar em xeque o senso de caráter, propiciaria aos indivíduos um sentimento de esvaziamento completo em todos os sentidos, sejam eles morais, sociais, culturais e políticos; o risco, torna-se “[...] uma necessidade diária enfrentada pelas massas.” (SENNETT, 1999, p.94). De acordo com o próprio autor, “[...] o impulso de correr risco, por mais cego, incerto ou perigoso que seja, [...] a um conjunto mais cultural de motivações.” (SENNETT, 1999, p.102).

A ética do trabalho na atualidade - enquanto plano de carreira - é muito contestada, porque seus pressupostos se originam a partir da profundidade da experiência profissional - carreira - o uso da autodisciplina e do valor de satisfação adiada. Contudo, essa disciplina no

trabalho teria mudado a vida do faxineiro Enrico³ e a dos padeiros gregos de Boston⁴. Essas pessoas se empenharam no trabalho durante anos, sendo essa a experiência de profundidade trazida pelo autor. Assim, a ética de trabalho dependeria, em parte, de instituições suficientemente estáveis para a pessoa praticar o adiamento. A satisfação adiada perderia seu valor, num regime cujas instituições mudam rapidamente, torna-se, no entanto, um absurdo trabalhar arduamente por muito tempo e para um patrão que só pensa em vender o negócio ou mudar de ramo para aumentar seus lucros. Ressalta que:

Seria um mal-humorado sentimentalismo lamentar o declínio do trabalho árduo da autodisciplina – para não falar da boa educação, do respeito aos mais velhos e de todos os outros prazeres dos bons velhos tempos. A seriedade da velha ética de trabalho impunha pesados fardos ao eu trabalhador. As pessoas tentavam **provar seu próprio valor pelo seu trabalho; em forma de “ascetismo leigo,”** como o chamou Max Weber, o adiamento da satisfação podia tornar-se uma prática profundamente autodestrutiva. Mas a alternativa moderna para a longa disciplina de tempo não é um verdadeiro remédio para essa autonegação. (SENNETT, 1999, p.118, grifo nosso).

Um ponto claro para Sennett (1999) é o fato de que mesmo tentando romper com a rotina e a burocracia, o trabalho flexível ainda não conseguiu superar o trabalho fordista. Pelo contrário: precarizou as relações de trabalho e os próprios homens ao extremo, assim como a ética do trabalho em equipe não superou a ética da rotina - as duas convivem numa relação dialética. Um novo tipo de caráter é gerado pelo trabalho em equipe, no qual o homem motivado daria lugar ao homem irônico, em detrimento de viver em um tempo flexível, sem padrão de autoridade e responsabilidade. Para o autor, o grande problema seria construir uma história de vida em um capitalismo no qual as pessoas estão à deriva.

Ao discorrer sobre a questão do fracasso, considera este um fenômeno que na atualidade atinge todas as pessoas, o que se configura como um grande tabu moderno, para o qual não haveria remédio. Esta concepção traz a dimensão de que muitas vezes o fracasso se apresenta como uma experiência confusa, o que seria um fato regular na vida das classes médias.

Vale ressaltar que Sennett (1999) desafia o caráter no novo capitalismo com a questão: “Quem precisa de mim, em um regime onde as relações entre as pessoas no trabalho são

³ Enrico é apontado por Sennett (1999) como um exemplo de um trabalhador do período fordista, que trabalhou como faxineiro durante anos em um mesmo prédio, tentando construir uma carreira na empresa a partir da autodisciplina e caráter.

⁴ Outro exemplo de trabalhadores do período fordista.

superficiais e descartáveis e os laços de lealdade, confiança e compromisso mútuo se afrouxam em decorrência das experiências de curto prazo?” (SENNETT, 1999, p.164).

A questão acima está relacionada com o caráter do indivíduo que sofre um desafio nesta sociedade, pois o sistema irradia indiferença, fazendo com que os esforços humanos sejam tratados como mercadorias em que o vencedor leva os benefícios, deixando de existir a relação risco e recompensa, o que exalta a indiferença na organização da falta de confiança. Por outro lado, isso faz parte da reengenharia das instituições, na qual **as pessoas são tratadas como descartáveis**.

Neste sentido, o problema do caráter no capitalismo atual estaria representado pelo fato de continuar a ter história, mas não uma narrativa partilhada com os outros, corroendo desta maneira o caráter. O pronome **nós** apresenta-se, por sua vez, como um perigo para os capitalistas que vivem da desordem da economia e temem a organização e o ressurgimento dos sindicatos. Cabe considerar que sobre a questão do ressurgimento dos sindicatos, partimos do pressuposto que os sindicatos não desapareceram enquanto instituição, mas ocorreram mudanças no tocante a sua estruturação e formas de reivindicação.

Desse modo, o capitalismo sempre foi um sistema competitivo e desigual, porém a maneira de atuação no mercado foi modificada. Assim, no capitalismo flexível, a indiferença é algo mais pessoal, porque o próprio sistema é menos cruamente esboçado e ilegível.